

Velhice e olhar: o corpo concentrado nos olhos¹



Silvana Tótoro

Na velhice o corpo míngua e os olhos se acentuam. Conforme a idade avança o corpo vai desaparecendo para dar lugar a forças outras que se expressam pelo olhar e pelos gestos das mãos. Espírito e corpo se concentram nos olhos e nas mãos. E por eles se constroem relações e se estabelecem encontros.

Há uma economia do corpo na velhice, exprimível nos gestos contidos, porém gestos intensos, potentes e focados. Não se pode mais na velhice fazer tudo, por isso é preciso uma seleção que reduza a superfície exposta ao acaso dos encontros, mais especificamente aos maus encontros, ou seja, aqueles que provocam tristezas e diminuem a potência de agir ou a força de existir. A sensibilidade dos velhos exige uma delicadeza de relações, próprias daqueles que desenvolveram um gosto apurado e não digerem qualquer coisa. Tudo isso vale para aquelas velhices que se afirmam nas suas singularidades.

De modo geral, o corpo na velhice não possui a mesma agilidade para contrair e descontrair hábitos. Daí o cuidado em não consolidar hábitos que exigem recursos próprios de um corpo jovem. É necessária também uma abertura às mudanças, as quais não constituem necessariamente perdas. Aderir à velhice com tudo que possa dela advir - suas maravilhas, doenças, dores e sofrimento - é estar mais próximo da vida. Há muita delicadeza na vida que não merece suportar ressentimentos.

Assim como a vida, o corpo também não aguenta carregar ressentimentos, rancores, raiva, ódio... É preciso desfazer-se do peso dessas paixões tristes para ganhar leveza e desfrutar do prazer da pura e simples

¹ Este texto foi preparado para um comentário após a sessão do filme "História real", dirigido por David Lynch, na Cinemateca de São Paulo, no dia 15 de outubro de 2013. Ciclo de *Cinema e reflexão: Averroes*.

existência. Sobrecarrega-se em demasia a existência com uma série de deveres, obrigações e desejos impostos. Estes na maioria provêm da convenção que norteia a aceitação pública. Na velhice, os deveres de uma conduta aceitável são por demais opressivos. Afirmar a velhice é tornar as regras próprias respeitáveis, afinal elas foram frutos da experimentação de uma vida.



Estas colocações iniciais foram provocadas pelo filme *História Real*, dirigido por David Lynch. O protagonista, um velho de 73 anos de nome Alvin, busca livrar-se do peso do ressentimento e procura afirmar a sua liberdade de construir o percurso com base em regras por ele estabelecidas. Ele dá início a uma longa e difícil viagem para reatar relações com seu irmão, Lyle, após dez anos de afastamento.

David Lynch abusa do close no personagem central, particularmente nos seus olhos. O corpo frágil e debilitado de Alvin contrasta com a força e determinação de seu olhar por onde transitam afetos de tristeza, alegria, medo, raiva, contemplação, numa variação contínua de estados. Mesmo quando não se movem, os olhos não perdem o brilho intenso.

Não conseguem esconder as paixões. As pupilas se dilatam quando afetadas por um bom encontro e se contraem com o mau encontro. Os olhos tornam-se vermelhos e lacrimejantes de alegria ou de tristeza. Arregalam de susto ou de pavor. Reviram-se por um doce charme. E a câmera é generosa no registro dessas emoções, como também se demora nas paisagens, num movimento lento que obedece, assim, ao tempo igualmente moroso da velhice.

Ao lado do registro do olhar, divisamos outra ideia importante no filme de Lynch, a saber, desfazer-se dos atos passados pela faculdade de perdoar. É pelo perdão, segundo nos sugere a filósofa Hannah Arendt, com base no ensinamento de Jesus de Nazaré, que um modo de vida humano se inaugura. Sem o perdão, não conseguiríamos desembaraçar-nos de nossos atos passados e dar início a algo novo. Errar é constitutivo da vida, e com o perdão livramo-nos dos grilhões da vingança, uma paixão triste que, segundo Espinosa, paralisa a nossa potência de agir ou nossa força de existir.

A narrativa gira em torno da viagem de Alvin para ir ao encontro de seu irmão a fim de obter dele o perdão. Alvin vive na companhia de sua filha numa casa

modesta do interior rural. Seus vizinhos e demais habitantes são todos conhecidos. Alguns episódios marcantes das vidas de Alvin e de sua filha, Rose, vão sendo narrados no desenrolar da história em encontros ao acaso no percurso da viagem.

Logo no início da narrativa, Alvin é surpreendido por uma notícia. Sua filha se põe a falar ao telefone com alguém que lhe comunica que seu irmão Lyle foi acometido de um derrame. Alvin mergulha num profundo silêncio e a partir deste momento dá início a algo novo desencadeado por uma atitude de esquecimento e perdão das desavenças com o irmão. Afastado de Lyle por dez anos e a uma distância de mais de 500 quilômetros, Alvin decide-se pela viagem com os próprios recursos. Utiliza para isso um velho instrumento de trabalho: o seu cortador de grama, no qual acopla um trailer coberto com uma lona plástica, e nele guarda o necessário para suprir a longa viagem: alimentos, duas cadeiras, um colchão, um pegador para fogueira, alguns utensílios, uma velha coberta. Tudo foi preparado com muito cuidado.

O telefonema com o anúncio da doença do irmão torna-se um acontecimento que irá interromper a rotina deste homem simples do interior rural do Sul dos EUA. Alvin está debilitado por problemas no quadril que lhe afetam o andar, por dificuldades de enxergar, acrescidos de doenças próprias da sua idade avançada. Contudo, as doenças não o abalam; a despeito delas e com elas, ele goza da saúde daqueles que têm um firme propósito a cumprir. Nada o demove da convicção de ir ao encontro do irmão. Não dá para continuar a viver carregando um ódio descabido.



A pequena cidade rural do sul dos EUA se agita com a decisão de Alvin, e seus amigos, assim como sua filha, tentam dissuadi-lo, sem sucesso, da arriscada viagem. Os habitantes que ocupam as cenas são na sua maioria velhos ou de meia idade. Quase todos eles, dada à espontaneidade dos seus gestos, em nada lembram atores profissionais, mas moradores nativos. Eles atuam sem representação. Aliás, todos os encontros ao longo do filme são marcados pela mesma espontaneidade, pouca fala e muita expressividade no olhar. Todo o corpo se concentra nos olhos.

David Lynch dirige suas lentes para criar cenas em que a intensidade que atravessa os encontros se expressa através do olhar, um olhar que se dirige para os elementos da natureza: a água da chuva, o fogo de uma fogueira que aquece e reúne para uma conversa de poucas palavras. E um volver-se para o infinito de um céu de estrelas em meio ao vazio do escuro. Há um prazer no simples existir e tomar parte na imensidão do caos de luzes e escuros que nos envolvem.

Como já dito, nos velhos, o corpo vai desaparecendo para dar lugar a um olhar forte e intenso. David Lynch é capaz de apreender com suas lentes a força do

olhar. Sua câmera demora-se em longos closes captando o olhar que dispensa as palavras. Por que não aprendermos com os velhos esse olhar, um olhar direto, sem mediações, que torna o silêncio povoado de signos. Mirar o olhar de um velho é ser afetado pelos signos que ele emite. Este momento não é captável pelas lentes de uma máquina fotográfica porque, muitas vezes, no afã do registro de uma cena, perdemos a oportunidade de experimentar as sensações da intensidade que o encontro emite. Suponho que muito da sabedoria dos velhos está no olhar. Para apreendê-la é preciso aprender o silêncio.

O cinema, contudo, não seria a fotografia em movimento? Mas a arte do cinema está na produção de imagens sonoras e visuais inéditas e não no mero registro factual. Como o próprio título sugere, David Lynch filma uma história real. Seu modo de contá-la ou filmá-la, contudo, provoca sensações inusitadas.

O espaço e o tempo se sobrepõem à imagem que faz convergir os sulcos de extensos campos arados com os sulcos da face enrugada de Alvin. Hoje, nós nos desacostumamos a ver faces enrugadas e corpos envelhecidos. Eles existem, mas nós não os enxergamos ou, quando os vemos, os criticamos como efeito de um descuido ou falta de vaidade. O modelo de longevidade imagético (divulgado pelas mídias) é o do velho que não envelhece nem no corpo nem no espírito. Os de idade avançada afirmam que são jovens de espírito, contribuindo para aumentar o preconceito em relação à velhice. Aliás, a palavra velho foi substituída pelos termos melhor idade, terceira idade, maturidade e idosos, quando referido às políticas públicas específicas ou ao estatuto de direitos.

Envelhecer é também aprender a digerir as marcas da vida. Alvin, nos encontros ao longo da viagem, vai narrando sua história. O mais importante não são os fatos, mas a maneira própria de vivenciá-los. A trajetória de Alvin é comum a um número incontável de pessoas que atingiram uma idade avançada. Ele perdeu a esposa. Ela tivera 14 gestações, das quais sete vingaram. Alvin lutou na II Guerra Mundial; lá presenciou muitas mortes, inclusive a de um companheiro que ele próprio matara por acidente. Quando interrogado por um jovem sobre as vantagens da velhice, Alvin refere-se a uma espécie de discernimento utilizando um ditado muito repetido pelos moradores idosos das áreas rurais, um ditado de profunda sabedoria prática: na velhice, aprende-se a separar o joio do trigo.

No filme de Lynch, a velhice não se esconde. Ela se revela por inteiro, especialmente por meio de longos closes nas faces enrugadas. A velhice de Alvin ocupa a cena toda. As tomadas se alternam entre os closes no olhar, encontros casuais, o percurso solitário de Alvin em estradas que não têm fim, margeadas por milharais e campos arados. De tempos em tempos a câmera mira o céu estrelado ou nuvens que desenham paisagens no azul do infinito. A natureza se exhibe com toda a sua beleza e força, nem sempre favoráveis, como ser surpreendido por uma tempestade ao ar livre. No filme de



Lynch, a natureza é outro personagem central e divide a cena com Alvin. A este privilégio da natureza soma-se também a vida.

As relações são mediadas pelos elementos da natureza – a chuva, o vento, o barulho dos trovões. Poucos objetos e quase nenhuma tecnologia se interpõem entre as relações, apenas instrumentos de trabalho que não dispensam o recurso manual. Mais uma vez as mãos. Alvin cuida de seus velhos instrumentos de trabalho pessoalmente: tudo com muito esmero. E é com um deles, uma velha máquina de cortar grama, que ele dará início a sua longa viagem. A sua máquina não dará conta do trajeto e ele a destrói após a primeira tentativa frustrada. Não desiste. Adquire outra, igualmente velha, de trinta anos de uso. Nas cenas tudo parece necessário e revela um longo uso dadas as condições que se apresenta; nada é supérfluo – nem as coisas, nem as relações nas quais predominam o face a face.

Os velhos às vezes são acusados de gostarem de coisas velhas. Numa sociedade de consumo e descartes rápidos, eles próprios são tidos como resistentes e acusados de inadaptação. No afã de serem aceitos, muitos deles, em idade avançada, tentam imitar os comportamentos majoritários e se autodenominam de flexíveis e abertos às inovações tecnológicas. David Lynch privilegia na narrativa uma velhice extemporânea. Parafraseando Nietzsche, uma velhice que habita o tempo, porém contra o tempo presente e num tempo por vir.

Sua filha Rose também foge do padrão de normalidade. Ela fabrica casas de madeira para passarinhos, especificamente os azulões. Adora contemplar a chuva através da vidraça e escutar o barulho do trovão na companhia de seu pai. É um prazer, aliás, que aprendeu com ele. Cuida da casa e se entende bem com o pai e a vizinhança. Mais tarde, num relato de Alvin a uma jovem que fugia de casa por estar grávida, tomamos conhecimento da história de Rose. Acusada de negligência em relação ao acidente de um filho que se encontrava sob a guarda de outra pessoa, ela perdera a guarda dos quatro filhos para o Estado. E foi julgada incapaz da criação dos filhos por ser muito lenta. Alvin assegura que Rose é muito capaz, e que a separação dos filhos lhe causou enorme tristeza. Mais de uma vez deparamos com a cena de Rose profundamente triste através da vidraça da janela a fitar uma criança atrás de uma bola. Ah esses homens de Estado! Eles portam uma racionalidade de natureza universal desprovida de sensibilidade para lidar com os afetos humanos singulares.

As cenas retratam uma época que parece perdida no tempo tamanha a sua lentidão. David Lynch dirige um filme em que os personagens são pessoas simples, de vidas modestas, sem riqueza, mas dotados de um movimento na direção do amigo que se revela na disposição para *com* dividir seus recursos quando solicitados. E o mais importante, eles são sensíveis e dispostos a colaborar, mesmo quando divergem da ação empreendida. Quando Alvin se dispôs a realizar uma arriscada e, para muitos, improvável viagem de mais de 500 quilômetros numa máquina de cortar grama, sua filha o compreendeu, seus amigos tão velhos quanto ele duvidaram do êxito, mas colaboraram.

Ah, a eterna teimosia dos velhos! Parece que Lynch não dispensa este antigo clichê sobre a velhice. Trata-se, contudo, de uma teimosia ou de uma obstinação de ir ao encontro de algo forte demais, grande demais que valha uma vida? Por sua vez a teimosia não passa de uma afirmação das próprias regras experimentadas ao longo de uma vida. Alvin queria encontrar-se com seu irmão e reatar com ele, após uma década sem se verem em decorrência de um rompimento. As razões desse rompimento vistas pelo olhar do tempo tornam-se banais. O modo um tanto quanto inusitado de fazer a viagem exprime um uso das forças que lhe são próprias. Saber a potência que se é capaz também é uma sabedoria da velhice que se singulariza.

Ora, não seria graças à teimosia que os velhos resistem às imposições de uma sociedade que os coloca na condição de doentes e de impotentes para agir? Destaca-se logo no início do filme o encontro de Alvin com o médico. Logo descobrimos, pelo olhar triste de Alvin, tratar-se de um mau encontro. Como a maioria dos médicos, também este não enxerga nada que não seja doença. Ele desafia uma série de proibições e receituários de conduta que Alvin se recusa a cumprir. Rebelia de velho. Esses velhos rebeldes são tão encantadores como as crianças. Aliás, velhice e infância se confundem. Crianças e velhos também se dão muito bem. Que tal experimentarmos uma segunda infância com a velhice, uma velhice livre para a invenção, que faz do jogo, da dança, do riso seu modo de vida?

A velhice seria, então, um momento privilegiado para esgotar a vida naquilo que ela tem de essencial, e poder experimentar os afetos, ou seja, um dever que transita entre os estados e que abala as referências autocentradas, ou as convenções e valores impostos. Por que queremos prolongar a nossa existência? Não seria para experimentar algo forte demais? E Alvin acata o seu destino, quer, a todo esforço, extrair Vida da existência. Seus olhos e mãos impulsionam seu corpo e espírito na direção do outro. Durante quase dois meses, coincidentemente no outono, realiza sua grande viagem para encontrar o irmão. Fizemos com ele a viagem, e próximo da chegada, ele atravessa a grande ponte sobre o Rio Mississippi. Neste momento, Alvin abre um largo sorriso que indica a proximidade do final. Foram necessárias muita arte, paciência e uma prudência experimental conquistada a cada dia, para realizar a travessia da ponte sobre o fluir do rio da vida.

Fala-se muito da sabedoria dos velhos, mas esta sabedoria está longe de ser um saber das coisas, informação ou algo reduzido à experiência de vida. A sabedoria é a experimentação dos afetos, daí a importância do olhar e do silêncio. Olhar é pôr-se fora de si mesmo e abandonar-se ao campo dos afetos. Pelo olhar e pelo silêncio inicia-se o nosso aprendizado dos afetos. Quando crianças, Alvin e seu irmão Lyle faziam do trabalho uma brincadeira e no verão dormiam ao ar livre para olhar as estrelas. Alvin reteve na memória a sensação daqueles momentos felizes.

E na cena final David Lynch atualiza os gestos dos irmãos. Alvin ao chegar à casa de seu irmão, uma casa modesta da zona rural, o chama por duas vezes pelo nome. Após um longo minuto de silêncio, ouve-se a voz de



Lyle, que diz: Alvin?! E ele sorri. Sentam-se um defronte ao outro. Ambos sustentam o corpo com a ajuda de bengalas. Ambos têm mãos fortes e olhar profundo. Miram-se. Lyle vira e se depara com o veículo que transportara Alvin. Seus olhos enchem-se de lágrimas e ele diz: *you came with*

isso só para me ver? Alvin, diz, *sim*. Cessam as palavras e em silêncio se entreolham e, em seguida, erguem os olhos para um céu de estrelas. Repetem um gesto que faziam juntos quando crianças.

Mirar as estrelas vale uma vida...

Data de recebimento: 22/10/2013; Data de aceite: 22/10/2013.

Silvana Tótora - Professora do Departamento de Política e dos programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Gerontologia da PUC/SP. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Arte, Mídia e Política (NEAMP) da mesma universidade. Email: stotora@uol.com.br